

Narratividade em Crianças e os Processos de Leitura — I

*Terezinha A. Bianchini Derner **

RESUMO

A pesquisa "Narratividade em crianças e os processos de leitura", financiada através do convênio INEP/UFSC, e realizada em Florianópolis no período 1982/1983, se dividiu fundamentalmente em duas partes: uma delas constituiu na coleta, transcrição, tabulação e análise de histórias colhidas numa população de 60 crianças, na faixa de 4 a 6; e 11 anos oriundas do nível sócio-econômico alto e sócio-econômico baixo. A outra parte da pesquisa, o experimento pedagógico, é que se constitui no objeto deste artigo. Com base em dados parciais, pois a maioria encontra-se na fase de tabulação e computação, é possível delinear alguns aspectos que interferem preponderantemente no insucesso da aquisição da leitura e da escrita como o conhecimento insuficiente da criança quer a nível cognitivo, quer a nível lingüístico para conhecimento e compreensão das atividades escolares. Outro aspecto de suma importância é o de não privilegiar as atividades voltadas para o desenvolvimento das capacidades motoras em prejuízo das atividades que levam à interpretação das experiências.

A literatura sobre as prováveis causas do fracasso escolar das crianças oriundas de classes menos favorecidas é vasta e aponta como motivos o nível sócio-econômico de origem, o sistema de ensino, o desinteresse da família, a desnutrição, o estado precário de saúde, o despreparo do professor, a deficiência das condições físicas e materiais dos estabelecimentos de ensino, etc.¹. Não se desconhece o fato de que todas estas causas citadas,

* Professora do Centro de Ciências da Educação (Departamento de Estudos Especializados em Educação) da Universidade Federal de Santa Catarina.

além de outras, têm sua parcela maior ou menor de influência, porém, o que se quer neste momento é destacar alguns aspectos referentes ao espaço de tempo que a criança passa na escola sob a orientação direta do professor.

O que a escola exige destas crianças na fase inicial de sua vida escolar?

O que lhes oferece?

Sabe-se que a exigência é grande e muitas vezes acima da real capacidade de desempenho da criança, se não, o que justificaria o insucesso da maioria dos que ingressam na rede oficial de ensino?

Como se definiria esta escola que aí está: local onde a criança terá a oportunidade de desabrochar naturalmente ou local de obstáculos que deverão ser vencidos?

A nós, educadores, cabe refletir sobre a seguinte questão: qual o motivo que impede uma criança normal de ter um acesso normal ao saber sistematizado?

Tem-se claro que a escola de hoje desempenha, com eficiência, seu papel seletivo através da imposição de currículos e programas que têm, como modelo e meta, a criança da classe média, bem alimentada, com um bom desenvolvimento psico-motor, uma variedade e registro lingüísticos entendidos e usados pela escola.

Para esta criança, a escola não se caracteriza como um mundo totalmente desconhecido e hostil, já que partilha em grande parte do universo empírico que a compreensão dos textos orais e escritos oferecidos pela escola pressupõe. O mesmo porém não ocorre com as crianças das periferias urbanas, oriundas das classes trabalhadoras ou marginalizadas. Para estas, a escola não se apresenta como um ambiente familiar. Tudo é desconhecido, a linguagem, os costumes, o saber . . .

A primeira medida tomada pela escola, ao receber estas crianças, é rejeitar a bagagem trazida do seu mundo, isto quando reconhece que existe esta bagagem. Assim, a condição indispensável para a criança ter vez é, portanto, adotar a nova cultura, a nova linguagem, os novos costumes.

Sabe-se que o professor também tem suas amarras, que alguém cobra seu trabalho, que o programa deve ser cumprido, etc., porém, é necessário acharem-se saídas de forma a garantir a cada criança, que teve a oportunidade de ingressar na escola, o direito de, pelo menos se alfabetizar.

Desta forma, “a escola precisa, portanto ensinar e ensinar bem, para evitar que o fracasso leve à exclusão de uma maioria dos alunos do seu direito ao conhecimento”.⁵

Com o objetivo precípua de buscar novas formas de enriquecer as atividades escolares na pré-escola, valorizando os conhecimentos já adquiridos em seu mundo e também tendo presente que “uma interferência qualitativamente boa pode compensar necessidades e habilidades básicas que estão ausentes ou que não têm possibilidade de desenvolvimento no ambiente onde a criança vive”³ é que surgiu a pesquisa “Narratividade em crianças e os processos de leitura” sob a responsabilidade do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina levada a efeito por uma equipe interdisciplinar constituída de psicolingüistas, lingüistas, pedagogos, psicólogos e antropólogos.

O projeto que teve como meta o ensino pré-escolar, propôs-se alcançar os seguintes objetivos específicos:

- 1 — desenvolver a competência narrativa da criança, como meio de possibilitar a realização de suas potencialidades afetivas, sociais, e cognitivas;
- 2 — conhecer a interioridade da criança, suas motivações e gostos através de como ela se expressa por meio de narração;
- 3 — fornecer subsídios para a elaboração de material pedagógico e cultural;
- 4 — tombamento dos repertórios preferenciais para estudos de antropologia sobre levantamento de mitos, arquétipos, etc.,
- 5 — contribuição teórica para o estudo dos universais da narratividade: personagem, tempo, espaço, e ação;
- 6 — entrosamento com a Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina a fim de aproveitar e enriquecer experiências de alfabetização sem cartilha, canalizando esforços.

A pesquisa, que teve seu início em abril de 1982 e o término em setembro de 1983, e que selecionou escolas de dois níveis sócio-econômicos denominados nível médio/alto e nível baixo, se dividiu fundamentalmente em duas partes: uma delas de cunho psico-lingüístico se constituiu na coleta, transcrição, tabulação e análise de estórias colhidas numa população de 60 crianças na faixa de 4 a 6; 11 anos, oriundas das seguintes escolas:

- Escola Prof.^a Maria Barreiros: Coloninha
- Escola Pe. Alfredo Rohr: Córrego Grande

- Colégio Bårdal: Trindade
- Colégio Menino Jesus: Centro
- Instituto Estadual de Educação: Centro

Em cada escola foram colhidas estórias na seguintes situações: invenção para outras 3 crianças; invenção para 2 pesquisadores; reconto de uma estória conhecida (Chapeuzinho Vermelho) e reconto de uma estória desconhecida.

A outra parte da pesquisa constitui-se de um experimento pedagógico realizado em duas escolas, uma de nível sócio-econômico médio/alto e outra de nível sócio-econômico baixo.

Em cada escola duas classes do 3º período serviram ao experimento durante um semestre letivo. O passo inicial foi a seleção de testes de maturidade e prontidão para se estabelecer o perfil das classes experimental e controle.

De um grupo de oito testes selecionaram-se três que demonstravam um melhor equilíbrio na mensuração dos aspectos sensório — motrizes, perceptivos e cognitivos e que consideravam os aspectos culturais da criança. A escolha recaiu sobre os testes ABC de Lourenço Filho; Maturidade Escolar de Bethinha Katzenstein e o Metropolitano, adaptação de Ana Maria Poppovic, que serviram de pré e pós-teste.

A partir do perfil, iniciou-se o trabalho de elaboração do material pedagógico a ser aplicado nas classes experimentais. Nesta fase do trabalho, houve a participação das professoras destas classes, que com sua experiência e conhecimento sobre a clientela, o currículo de cada escola, a rotina do dia letivo e o conteúdo a ser desenvolvido, facilitaram o trabalho de elaboração dos módulos. Estes módulos, em número de três, foram introduzidos nas classes sem prejuízo das atividades já programadas pela escola. Sempre dando ênfase especial ao desenvolvimento da linguagem, e com o objetivo de desenvolver capacidades indispensáveis ao domínio das leitura e escrita, introduzirem atividades diárias como conto, reconto, invenção e poesia. Uma parte do módulo também foi dedicada às atividades de coordenação motora, grossa e fina, como complemento àquelas atividades já desenvolvidas no programa regular da escola.

A atividade de conto consistiu em, a cada dia, a professora ler uma estória, previamente selecionada. Após a leitura, seguindo um roteiro de perguntas, levava as crianças a recontar a mesma. Em seguida vinha a dramatização da estória, onde cada criança, livremente, deveria interpretar

um papel ou fazer parte do cenário representando uma árvore, uma pedra, enfim, extravasando sua criatividade.

A atividade referente à invenção consistia em que a cada semana as próprias crianças inventavam uma estória. A atividade era conduzida pela professora, que, através de um roteiro de perguntas, ia anotando no quadro as frases que eram compostas pelas crianças. No decorrer do semestre foram inventadas 12 estórias. Transcreveremos, ao final deste trabalho, a primeira e a última desta série de estórias, inventadas pelas crianças do nível sócio-econômico baixo, para que se tenha uma noção do desenvolvimento havido no semestre. Percebe-se facilmente o salto qualitativo havido entre uma e outra. Na primeira invenção há limitação dos tempos empregados, ausência de adjetivos e de localização no tempo e no espaço. Já na última estória, percebe-se a riqueza de detalhes, o colorido dado a cada personagem, o enredo com seqüência lógica, etc.

Nas atividades com poesias as crianças eram colocadas em contato oral e escrito com as palavras novas que a compunham para compreensão do significado e posterior repetição dos versos, dramatização, jogos, reconhecimento de palavras e letras, etc.

Foram adotadas duas poesias: "Jogo de bola" e "A janela".²

De modo muito sucinto, aqui estão registradas as principais intervenções havidas por parte da pesquisa na rotina das classes experimentais. Ao final do semestre aplicou-se o pós-teste em ambas as classes para estabelecer o grau de desenvolvimento havido no período.

Neste momento, os dados coletados estão em fase de tabulação para posterior análise e publicação. No entanto, após estes meses de envolvimento com o trabalho e baseados em alguns dados parciais é possível delinear alguns fatores que influem preponderantemente no insucesso da aquisição da leitura e da escrita.

O primeiro aspecto se refere ao conhecimento insuficiente da criança, quer a nível cognitivo, quer a nível lingüístico para acompanhamento e compreensão das atividades escolares. Os textos orais e escritos estão muito acima do nível de compreensão. Isto pode ser equacionado se o professor toma como ponto de partida a bagagem que a criança traz consigo e a partir daí tenta ampliar seu universo e desenvolver suas competências comunicativas expondo-a diariamente a textos orais e escritos que despertem sua compreensão, seu interesse, sua participação.

As atividades centradas no interesse e capacidade da criança garantirão sua motivação e envolvimento, eliminando, desta forma o peso das

tarefas impostas e desinteressantes.

Outro aspecto é o de não privilegiar as atividades relativas à discriminação visual e auditiva e os processos perceptivos em detrimento das atividades que visam desenvolver os aspectos afetivos, sociais e cognitivos, ou seja, os processos voltados para o desenvolvimento das capacidades motoras em prejuízo das atividades que levam à interpretação das experiências. Estes foram alguns dos aspectos evidenciados no correr da pesquisa que requerem atenção e cuidado por parte dos professores que buscam caminhos para garantir desde o início o sucesso da criança na vida escolar, pois sabe-se que “o insucesso inicial gera o preconceito do insucesso permanente”.⁴

A seguir, transcreveremos a primeira e a décima segunda estórias inventadas pelas crianças do 3º período matutino da Creche Profª Maria Barreiros, da Colônia, bem como os “roteiros” usados pela professora da classe.

Roteiro 1

Personagens: O macaco e o galo

1. Como era o macaco?
2. Como era o galo?
3. O que o macaco fazia?
4. O que o galo fazia?
5. Daí...

1ª Invenção — De 16 a 18/03/83

Era uma vez um macaco e um galo.

O macaco é preto.

Ele come banana.

O galo come milho.

Ele canta.

O macaco pendura na árvore e brinca

O galo pula no telhado.

O macaco ri do galo, porque ele não voa como passarinho.

O macaco balança a árvore para o galo não subir.

Observação: Nesta invenção, por um lapso, a professora usou o presente do Indicativo.

* Esquemas programados pela Dra. Leonor Schiar Cabral, Coordenadora da Pesquisa.

Roteiro 12

Personagens: o caracol, o camarão, a tainha e a baleia.

1. Como era o caracol?
2. Onde morava?
3. O que o caracol resolveu?
4. O que combinou com o camarão?
5. Como era o camarão?
6. Onde encontraram a tainha?
7. Como era a tainha?
8. O que foi que os três resolveram fazer?
9. O que aconteceu quando a baleia apareceu?
10. Como era a baleia?
11. O que foi que a baleia fez?
12. Como foi que o caracol, o camarão e a tainha se salvaram?

12ª Invenção — De 6 a 10/06/83

Título: O fundo do mar

Era uma vez quatro bichinhos que moravam no fundo do mar: o caracol, o camarão, a tainha e a baleia.

O caracol era amarelinho e gostava muito de nadar. Ele morava no mar, bem no fundo. Não gostava de sair de lá.

O caracol não gostava de vida muito parada e por isso, estava sempre planejando festinhas, brincadeiras e passeios.

Ele pensou:

— Puxa, já faz tempo que a gente não faz nada aqui no mar. Acho que vou inventar uma corrida.

Foi até a casa do camarão e combinou com ele.

O camarão era bem rosinha e muito bonitinho.

O camarão gostou tanto que quis logo preparar tudo. Ele queria ser o vencedor.

Safú avisando todo mundo.

Encontrou a tainha e lhe falou da ótima idéia do caracol.

A tainha era muito gordinha e bonitinha.

No dia preparada para a grande corrida no fundo do mar, todos estavam lá.

Na hora de começar, apareceu uma baleia feiosa. Ela veio ver a competição também.

Os bichinhos do mar sabiam que ela gostava de comer peixinhos e matar todos, então ficaram com medo.

Começou a correria e em um minuto não havia mais ninguém ali.

A baleia que veio apenas ver a competição ficou muito triste de ter estragado tudo.

Ela começou a chorar muito alto, mas tão alto que todos os bichinhos do mar começaram a voltar devagarinho para ver o que estava acontecendo.

Ela dizia:

— Eu só queria ver a corrida, Buáá!

Então a baleia gordona e feiosa, prometeu nunca mais comer os peixinhos e nem matar ninguém. Todos ficaram amigos da baleia. Fizeram então a corrida mais bonita do fundo do mar.

As estórias aqui transcritas são apenas parte do material que está sendo processado e analisado, cujos resultados finais serão posteriormente publicados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Ensino de 1º e 2º graus *Atendimento ao pré-escolar*. Brasília, 1979.
2. MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. In: *OBRA poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972
3. POPPOVIC, Ana Maria. A escola, a criança culturalmente marginalizada e a comunidade. *Cadernos de Pesquisa*, (30):51, Set. 1979.
4. SCLiar, Cabral et alii. *Pesquisa narrativa em crianças e os processos de leitura*. Florianópolis, UFSC, 1982.
5. SCHEIBE, Leda. O saber fazer na escola; novos caminhos para a didática. *ANDE*, 1:39, 1982.

RESUMEN

La investigación "Narratividad en niños y los procesos de lectura", financiada a través del convenio inep/UFSC y realizado en Florianópolis en el período 1982/1983 se dividió fundamentalmente en dos partes: una de ellas constó de la recolección, transcripción, tabulación y análisis de historias recogidas en una población de 60 niños, de 4 a 6; 11 años de edad, pertenecientes a los niveles socioeconómico alto y socioeconómico bajo. La otra parte de la investigación, el experimento pedagógico, es el objeto de este artículo. Con base en datos parciales — ya que gran parte del material se encuentra en fase de tabulación y computación, es posible señalar algunos aspectos que interfieren de manera preponderante en el fracaso en la adquisición de la lectura y de la escritura, como los insuficientes conocimientos del niño, tanto a nivel cognitivo como lingüístico, para que éste pueda seguir y comprender las actividades escolares. Otro aspecto de suma importancia es el no privilegiar las actividades de desarrollo de las capacidades motoras en desmedro de las actividades que lleven a la interpretación de las experiencias.